

Os Bálcãs no jogo dos Grandes Impérios

*Therezinha de Castro**

Introdução

O ano de 1991 marcava o fim da geopolítica do confronto pautada no eixo Leste/Oeste, sustentado por alianças militares — Otan e Pacto de Varsóvia. Os países da “Cortina de ferro” e os Bálcãs, que há meio século dormiam em sono letárgico, começavam a acordar.

Na “Cortina de Ferro”, o despertar geopolítico assistiu ao pacífico secessionismo da Tchecoslováquia, nos Bálcãs ocorreria o desmoronar da Iugoslávia, uma federação de seis Repúblicas e duas Províncias, de modo bem violento.

Desmembramento que provocaria a maior vaga de refugiados na Europa, desde a Segunda Guerra Mundial.

De acordo com o HCR ou Alto Comissariado para Refugiados das Nações Unidas, cerca de dois milhões de pessoas tiveram que abandonar suas terras até meados de 1992, deixando para trás uma cifra de mais de 30 mil mortos.

Caracterização geopolítica

Em turco, *balcan* significa montanha. Deu origem ao topônimo Bálcãs, designativo de uma península europeia reunindo oito países, aos quais

se costuma juntar a Rumânia, mais caracterizadamente danubiana, e a Turquia europeia.

No norte, entre os mares Adriático e Negro, a Península Balcânica, a mais oriental no Mediterrâneo, forma um largo território contínuo, enquanto o contraste no sul vem por conta da ramificada Grécia com numerosas ilhas, vizinha do setor europeu turco.

Dos 767.119 km² da Turquia, apenas 23.485 km² estão na Europa. É aí que se encontram e entrecruzam as rotas marítimas e terrestres, entre os Mares Mediterrâneo e Negro, e Continentes europeu e asiático. O setor, também conhecido como Ásia Menor ou Anatólia, é banhado pelo Mar Negro, ligado pelo Estreito de Bósforo ao Mar de Mármara que, por sua vez, se conecta com o Egeu, via Dardanelos.

Esse espaço é de grande importância geoestratégica e, com a tomada de Bizâncio — atual Constantinopla — pelos turcos, em 1453, fechava o Mediterrâneo ao comércio cristão (especiarias) dos genoveses e venezianos, abrindo o caminho da conquista para o islamismo na Europa. Esse pequeno rincão na Europa foi o que restou, como parte integrante da Turquia, do vasto Império Otomano.

* A autora, renomada Professora e consagrada Conferencista das Escolas ESG, ECEME, ECEMAR, EsAO, EAOAr e EGN. É reconhecida internacionalmente por seus inúmeros livros publicados sobre Geopolítica. Faleceu em fevereiro de 2000, em Lisboa, onde se encontrava proferindo uma série de palestras, a convite do Governo português.

Na Península Balcânica, o relevo montanhoso ocupa todo o interior. Do setor adriático, os Alpes dináricos estendem-se até a Grécia, com altitudes de quase 3.000m; na Bulgária, a cadeia de montanhas já tem o nome genérico de Balcãs. Além dos Alpes dináricos e balcânicos, estendem-se as planícies por onde correm o Sava, o Morava e o Danúbio.

Nesse corredor plano, instalaram-se Zagreb, Belgrado e Bucareste, o sítio preferido para a movimentação dos exércitos que demandavam o Oriente via Mar Negro.

A Rumânia, que nesse mar já possui um litoral bem maior, é elo de transição entre os setores central e oriental europeu. Detendo apenas a Valáquia, suas perdas territoriais foram de 66.000km², ao entregar à Bulgária o setor meridional da Dobrudja e a Bessarábia para a União Soviética.

Os Balcãs caracterizam-se como área geopolítica de ajustes territoriais, daí ter ficado bastante fragmentada, enquanto seu posicionamento a tornava bastante cobiçada, de onde sua conquista e integração eram em grandes impérios.

Gregos, macedônios, romanos, godos, hunos, ávaros, eslavos, magiares, bizantinos, tártaros, turcos, venezianos, austro-húngaros transformariam os Balcãs em um campo de batalha durante sucessivos séculos. Em consequência, o esfacelamento geopolítico seria a tônica nessa península de conexão Europa e Ásia. Daí o autêntico universo em miniatura coexistir na História dos Balcãs, em uma sucessão de povos que conquistam e são conquistados, corroborando para a implantação de um panorama étnico dos mais complexos.

Era dos Grandes Impérios



A Península Balcânica fez parte do Império Macedônico de Alexandre, integrou o Império Romano que se desfez com as invasões bárbaras dos hunos, godos, ávaros e, em especial, dos eslavos. Estes seriam os verdadeiros colonizadores dos Balcãs, formando um substrato que, paulatinamente, iria diferenciando-se em sérvios, croatas e macedônios, quando aí chegaram os búlgaros.

No contexto balcânico, a Albânia, isolada na montanha, seria o único território não atingido pelas invasões, descendendo hoje sua população dos ilírios, dos quais conserva a língua com ligeiras influências latinas, gregas e eslavas.

No transcorrer da Idade Média, a península não escaparia da dinâmica da queda e ascensão de grandes impérios. O primeiro seria dos búlgaros, hegemônicos na região até serem suplantados pelos bizantinos.

Entre os séculos XIII e XIV, caberia aos sérvios o destino da região, até a chegada dos turcos otomanos. Caberia a estes implantar a

experiência inteiramente nova para os povos balcânicos cristianizados. Enquanto os invasores anteriores acabavam sempre assimilados e convertidos, os turcos otomanos, fanatizados pela fé islâmica, tinham por objetivo converter. Os que não aceitavam o novo credo eram “infiéis” e, em consequência, os povos balcânicos passavam a ser estrangeiros em sua própria terra.

Assim, a ocupação islâmica ocorreria de forma diversa. Na Bósnia, Herzegovina e Albânia, ocorreu a conversão em massa; na Bulgária, Sérvia e Macedônia, em face da resistência, a antiga nobreza local seria afastada, cedendo lugar a uma casta turca no poder.

Transcorreram-se vários séculos, até que se espalhassem pela Europa as idéias liberais da Revolução Francesa, coincidindo estas com os sinais de fraqueza no vasto Império Otomano, visto como “o homem doente da Europa”.

Os sérvios foram, em 1804, os primeiros a se revoltar contra a situação miserável e a tirania que a milícia turca dos janizaros impunha-lhes. Entretanto, foi a independência da Grécia e a perda da Bulgária, em 1878, que decretaram o declínio otomano, enquanto a Áustria e a Rússia tratavam de sua expansão nos Bálcãs.

Pomo das discórdias

A complexa rivalidade de interesses impediria, até a Primeira Guerra Mundial, que fosse traçado um mapa político racional nos Bálcãs.



Lá se encontrava um autêntico pomo de discórdia, levando Bismarck, Chanceler alemão, a vaticinar, em 1897, que “alguma loucura nos Bálcãs” poderia deflagrar um conflito mundial. É que, protegido pela Rússia, também eslava, o pequeno reino sérvio era um grande perigo para o Império Austro-Húngaro, que, em 1908, anexara a Bósnia-Herzegovina, subtraindo as regiões ao Império Otomano.

Bálcãs 1913

Mantendo a Sérvia sob sua influência, a Rússia insuflara os iugoslavos ou eslavos do Sul a procurar formar a união dos estados balcânicos.

Em 28 de julho de 1914, o herdeiro do trono austríaco, Francisco Fernando, após assistir às grandes manobras das tropas na Bósnia, vai visitar Sarajevo, onde ele e sua esposa são assassinados por um estudante nacionalista bósnio, Gravilo Printzip. Embora não tenha conseguido



provas, o Governo de Viena acusa a Sérvia de cumplicidade no assassinato do casal.

Resolve então eliminar a Sérvia como fator político. A Rússia protesta, pois com isso perderia sua influência nos Bálcãs, deixando o campo livre para a Áustria.

O conflito austro-sérvio transformava-se em austro-russo. A Alemanha colocava-se ao lado da Áustria, mostrando que o pan-germanismo opunha-se ao pan-eslavismo. França e Inglaterra, por força de sua aliança militar com a Rússia, entram no conflito que, aos poucos, iria se generalizando para tomar o nome de Primeira Guerra Mundial.

A guerra terminaria em 1918, ocasionando o esfacelamento do Império Austro-Húngaro e o desmembramento do Império Otomano. Tudo levava a crer que estava iminente a realização do sonho dos eslavos do Sul.

Formava-se o Reino dos Sérvios-Croatas-Eslovenos, ao qual aderiam a Bósnia e a Dalmácia. A Albânia preferia a sua independência que proclamara em 1912. A Bulgária, com

governo fascista, recebia parte do território da Macedônia, que desaparecia, também repartida entre a Grécia e a Sérvia. Por sua vez, o Tratado de Trianon, em 1920, criava a Grande Rumânia, avançando para a Hinterlândia, mas com pequeno litoral no Mar Negro.

Bálcãs 1920

Os distúrbios não cessariam no Reino dos Sérvios-Croatas-Eslovenos. O pretexto era sempre atribuído ao ressentimento dos croatas católicos em face da supremacia dos sérvios ortodoxos que dirigiam os destinos do novo país. Assim, em 1934, os fascistas da Croácia assassinavam o Rei Alexandre, que tentava reestruturar o país, centralizando o poder com províncias sem raízes históricas e até mudando-lhe o nome para Iugoslávia.

Política dos eixos

Na ocasião, já se esboçava nos Bálcãs a geopolítica do confronto, estando de um lado o totalitarismo de esquerda do comunismo russo e, do outro, o totalitarismo de direita do nazifascismo ítalo-germânico.

Pela política dos eixos, os Bálcãs transformaram-se em um “barril de pólvora” prestes a explodir até a Segunda Guerra Mundial. Estava mais uma vez caracterizada a eterna dependência dos países balcânicos de características coloniais, subdesenvolvidas, atreladas às potências europeias.

Dessa feita, a importância geoestratégica dos Bálcãs, como elo entre o ocidente e o oriente, iria atrair a Itália.

No período que antecedeu a Segunda Guerra Mundial, o regime fascista de Benito Mussolini estava interessado no outro lado do Adriático. Iria então procurar encorajar regimes direitistas na Bulgária, atrair a Albânia, que iria invadir em 1939, e auxiliar separatistas dentro da Iugoslávia.

Eram fascistas e comunistas se confrontando nos Bálcãs, quando entram em cena Adolf Hitler e Joseph Stalin. Assinavam o Pacto Nazi-Soviético de 1939, definindo as esferas de influência em territórios balcânicos. Era interesse russo pôr fim à Grande Rumânia, subtraindo-lhe a Bucovina e Bessarábia perdidas, respectivamente, pelo Império Austro-Húngaro e Rússia, após a Primeira Guerra Mundial. Contaria com o beneplácito da Alemanha, que só se interessava por um tratado comercial que lhe assegurasse o petróleo rumeno.

Esse Pacto iria envolver os Bálcãs no conflito dos eixos totalitários de direita e esquerda, quando Hitler e Stalin passaram para campos opostos na Segunda Guerra Mundial.

Durante o conflito, os russos ocuparam a Transilvânia húngara e parte da Dobrudja rumena, levando o Governo de Bucarest a cerrar fileira com o nazismo, participando da invasão até Odessa.

A geoestratégia globalista dos nazistas incluía, além da Rumânia, também a Bulgária e a Iugoslávia para sua esfera de influência. Sobre tudo porque os gregos, resistindo aos ataques de Mussolini, levavam Hitler a temer que os ingleses usassem a Grécia como “cabeça-de-ponete” para a invasão no continente.

Além de envolvida nesse jogo de guerra, a Iugoslávia enfrentava a crise interna com os

adeptos do Príncipe Paulo, aliados dos anglo-franceses, sendo forçados a assinar um acordo com Hitler. Por isso, um golpe de estado elevava ao trono o Príncipe Pedro, filho do assassinado Rei Alexandre, sob o lema “antes a guerra do que o pacto”. Situação que redundaria em uma investida fulminante das tropas do Eixo, em abril de 1941, e que só cessaria quando gregos e iugoslavos estivessem submetidos.

A oposição iugoslava, é certo, havia atrasado a ofensiva nazista contra a União soviética, o que foi fatal para Hitler. No entanto, em contrapartida, provocaria o desmembramento total da Iugoslávia, dividida entre a Alemanha, a Itália, a Hungria e a Bulgária, e a elevação da Croácia a Reino aliado dos nazistas, em 1941, que tratava de eliminar os sérvios e os judeus.

Nesse início da guerra, os Bálcãs e grande parte da Europa estavam em poder do Eixo. E caberia à Sérvia o mais efetivo movimento de resistência contra os nazistas. Ação inicial tomada pelos *tchetniks*, remanescentes do Exército iugoslavo, refugiados nas florestas centrais sérvias, agindo dentro do sistema dos *baiduks*.

No entanto, sendo sérvios, esses *tchetniks* não teriam condições de atrair os outros povos da esfacelada Iugoslávia, que se mostravam temerosos e vulneráveis às intimidações e represálias nazistas.

Em conseqüência, a luta mais efetiva contra o Eixo só teria início em junho de 1941, em seguida ao ataque da Alemanha à União Soviética. A resistência iria caber ao Partido Comunista iugoslavo liderado por Josip Broz, mais conhecido pelo codinome Tito, com seus *partisans* acostumados à clandestinidade, agindo sob o sistema de guerrilhas em todo o país. Era, assim,

um movimento nacional contrastando com o regionalismo dos *tchetniks*. Regionalismo que os tornaria inimigos dos *partisans*, levando-os a colaborar com os nazistas e seu comandante, o General Draza Mihailovic, a ser julgado e condenado após o término da guerra.



Balcãs 1942

Em novembro de 1943, a resistência instituiu um Conselho Antifascista de Libertação Nacional com representantes de todas as regiões iugoslavas, consagrando-se o princípio do federalismo, enquanto o líder dos guerrilheiros transformava-se em Marechal.

Caberia aos aliados dar apoio militar a Tito que, imobilizando 15 divisões alemãs na Iugoslávia, enfraqueceu a frente nazista balcânica.

Em outubro de 1944, as forças *partisans* e o Exército russo conquistaram Belgrado. Realizava-se, mais uma vez, o sonho dos “eslavos do sul”, visto que, em 1945, Tito ocupava o Governo da unificada República Iugoslava.

A “Guerra Fria”

Com governo forte, escapando do divisionismo, a ação na Iugoslávia contrastaria com as dos países vizinhos.

A Albânia, por exemplo, possuía três frentes de ação — duas conservadoras e uma comunista; esta, porém, formada por pequenos grupos de intelectuais isolados. Caberia aos iugoslavos unir os grupos albaneses de esquerda, supervisionando a criação do Partido Comunista, tendo como secretário geral, Enver Hoscha, um professor de francês.

Em contrapartida, os albaneses ajudaram os iugoslavos a ultimar a derrota dos nazistas em Kosovo, o bastião defensivo da Albânia.

Graças a esse bastião, o isolamento geográfico da Albânia faria dela o único país balcânico não invadido pelo

Exército soviético ante a derrocada nazista. Invasão que ocorreria na Bulgária, em setembro de 1944, após a tomada da Romênia, em agosto de 1944. Nesse último país, o General Ion Antonescu, pró-Eixo, abriu suas fronteiras para que os alemães ocupassem a Iugoslávia e atacassem a União Soviética.

No reverso da medalha, seria a ação centralizadora da esquerda iugoslava o trunfo para que, em 1947, os países balcânicos estivessem quase todos incluídos na “Cortina de Ferro”.

A união Belgrado e Moscou seria efêmera. A Iugoslávia iria passar da ação à reação, levando para os Balcãs o estopim da discórdia sintetizado no lema “contra a vontade de Stalin, a vontade de Tito”.

O líder iugoslavo estava bem mais disposto a levar avante uma política externa agressiva: reivindicava territórios fronteiriços com a Áustria e a Itália, derrotadas na guerra; criticava os comunistas franceses por não terem tomado o poder em seguida à libertação do país; procurava auxiliar os comunistas gregos a tomarem o Governo pelas armas.

Stalin pedira cautela aos comunistas franceses, pois reconhecia que a França estava bem mais afeita à órbita ocidental. Cedendo, sabia o líder soviético que poderia cimentar sua influência no setor leste-europeu, onde instalaria a “Cortina de Ferro”, peça importante para Moscou no jogo geopolítico de confronto no continente.

No entanto, os ataques mútuos e divergências de táticas entre os partidários comunistas e iugoslavos estavam enfraquecendo as bases do socialismo internacional, que transcendia as fronteiras nacionais. Por isso, a ofensiva stalinista surge no dia 28 de junho de 1948, com a publicação da Resolução do Kominform, órgão de informação dos partidos comunistas da “Cortina de Ferro”. Nesse documento, havia a exigência para que Tito se retratasse, ante a afirmativa de que os líderes iugoslavos estavam pensando erroneamente, “que podem manter a independência do país e constituir o socialismo sem a União Soviética”. Incitava a insurreição, convidando “as forças sadias do Partido Comunista Iugoslavo a impor uma nova linha de direção”.

Era, na realidade, os Balcãs se transformando no ponto

nevrálgico da “Guerra Fria”. E era justamente com a Iugoslávia, criando uma nova modalidade de esquerda, que passava a se chamar eurocomunismo; dissidência apoiada na ajuda militar que os Estados Unidos dariam, em 1951, ao Governo de Belgrado.

A dissidência que alcançava a Albânia, em 1961, afastando-se de Moscou para se aproximar de Pequim, já dissociada do Kremlin era a “Cortina de Ferro”, sofrendo um recuo nos Balcãs, deixando escapar a valiosa saída para o Adriático.

Observando que a solidariedade foi mais forte na Iugoslávia, entre os anos de 1948–1953, quando Tito, de pai croata e mãe eslovena, conseguiu impor, em torno da Sérvia, um compromisso multinacional.

A morte de Stalin, em 1953, abrandaria, em parte, a situação leste e oeste nos Balcãs; muito embora permanecesse o destino divisionista na península, com a Iugoslávia e Albânia afastadas do Kremlin, a Bulgária e a Rumânia atadas a Moscou, a Grécia e a Turquia aliadas ao Bloco Capitalista como membros da Otan.



Destino divisionista

No conjunto balcânico, a Iugoslávia continuava a ser país complexo de vários povos conflitantes, com o nacionalismo sempre no topo dos problemas.

Nacionalismo que gerava dissidências mesmo quando, planejando suas economias, as repúblicas acusavam-se mutuamente. A Croácia, com sua costa adriática atraindo turistas, reclamava suas divisas desviadas pela federação para outras repúblicas. A Sérvia justificava, uma vez que os hotéis de turismo croatas haviam sido construídos com o dinheiro do conjunto, enquanto os alimentos consumidos iam de seus campos cultivados.

Por outro lado, a disputa entre Sérvia e Croácia estava ligada às línguas semelhantes, mas, enquanto os sérvios valiam-se do alfabeto cirílico, professando a religião ortodoxa, os croatas mantinham a fé católica e escrita latina. Em conseqüência, a Croácia, ainda durante o período da “Guerra Fria”, procurou levar sua autonomia às últimas conseqüências; eram constantes suas reivindicações ao Governo sediado em Belgrado que, sabendo os croatas ser a capital da Sérvia, viam-na como símbolo da proteção federal aos sérvios.

O secessionismo levaria o Marechal Tito a aplicar a política da autogestão, anulando a descentralização e mascarando a autonomia regional. Política que era justificada por Tito — “não se trata de atrasar os ponteiros do relógio e sim de caminhar para a frente”; daí o restabelecimento do papel da Liga Comunista como o guia mais efetivo da nação, visto que a Iugoslávia era país socialista.

No entanto, a despeito do sistema forte, o país, que não era uma nação, caminharia em ziguezague, tanto no contexto político como no econômico, situação que se deterioraria ainda mais após a morte, em 1980, de Tito, o herói legendário.

Em 1990, a Iugoslávia não escaparia ao “efeito Gorbachev” que, na tarde de 25 de dezembro de 1991, não tinha mais a bandeira vermelha da foice e do martelo a tremular no Kremlin, onde fora substituída pela mais conservadora tricolor. Era a “primavera de Moscou” que, em 1968, tentara estrangular a “primavera de Praga”.

A implosão do regime comunista da União Soviética teria seus reflexos nos “satélites”. Moscou teria que se conformar com a periferia ou “Cortina de Ferro” libertando-se de seu centro de poder, enquanto Belgrado não podia deter o embate da “Primavera da Croácia e Eslovênia”. Essas regiões, com a Voivodina, são as mais ricas do Norte, contrastando com o subdesenvolvimento muçulmano-sérvio da Bósnia-Herzegovina, onde a questão iugoslava tomaria as cores de verdadeira tragédia.

O secessionismo iugoslavo iria começar em 25 de junho de 1991, com a proclamação da República da Croácia e Eslovênia independentes do federalismo de Belgrado; atos que a geoestratégia de uma melhor saída para o Mar Adriático levariam ao reconhecimento imediato oficial, tanto da Áustria como da Hungria.

Impunha-se o “efeito dominó”, pois em 15 de outubro de 1991, a maioria croato-católica e a muçulmana posicionaram-se contra a Sérvia e a favor da soberania da Bósnia-Herzegovina. Após 43 meses de guerra, em 1995, o Acordo

de Dayton punha fim ao conflito. A Bósnia-Herzegovina era dividida em duas entidades de base étnica — a República Sérvia da Bósnia e a Federação Muçulmana Croata. De acordo com o plano de paz, os Estados Unidos e a União Européia administram a área conflagrada para forçar, lentamente, a evolução democrática, até que os partidos políticos de motivação étnica percam o apoio e desapareçam.

Em 15 de julho de 1992, era a vez da República da Macedônia obter a separação, muito embora sem o reconhecimento internacional. É que o Conselho europeu, reunido em Lisboa, em 27 de julho de 1992, vincularia o reconhecimento do novo país à mudança do nome, acatando a posição grega que mantém parte da Macedônia dentro de seus limites.

Em 1998, Kosovo tentava sua saída da federação, obrigando a intervenção armada do Governo de Belgrado e subsequente ameaça da intervenção da Otan a um cessar-fogo. A trégua, em outubro de 1998, pôs a questão em compasso de espera. Em nome da ELK — Exército de Libertação do Kosovo —, Baduhl Mahmuti aceitou a trégua, desde que os kossovares obtivessem, em três anos, a independência total e não a simples autonomia dentro da Iugoslávia.

Quanto à formação da Grande Albânia de união com o Kosovo, de maioria albanesa, poderá não agradar ao esquema regional, pois traria reflexos sobre a minoria albanesa que vive na Macedônia e na Grécia.

Portanto, deduz-se ser substancial o envolvimento do Governo de Atenas nos acontecimentos em Kosovo, na República da Macedônia e na Albânia. Sabe a Grécia que poderá contar com a União Européia e com a Otan,

graças ao seu posicionamento privilegiado no Mediterrâneo Oriental, com costa digitada e múltiplas ilhas — trampolins, controlando rotas marítimas no extremo meridional da Península Balcânica.

Conclusão

Igualmente Província Autônoma como o Kosovo, a Voivodina poderá reduzir ainda mais os limites da Iugoslávia, hoje formada pelas Repúblicas da Sérvia e Montenegro.

Caso se concretize o secessionismo da Voivodina, um outro impasse poderá surgir pela continuidade geográfica. É que essa província, com capital Novi Sad, que os húngaros chamam de Ujvidek, nas margens do Danúbio, é continuação natural da *Putzta*, a planície da Hungria.

Nessa fase de esfacelamento, iniciada em 1991, o interesse de Belgrado é a salvaguarda dos interesses dos sérvios que vivem nas repúblicas secessionistas, sabendo bem o Governo de Belgrado que na República Socialista Federativa da Iugoslávia não houve jamais consciência de um destino comum.

A composição demográfica, caracterizada por variada minoria, é resultado da presença de povos que conquistaram e foram conquistados em uma península que, por seu destino-passage, englobaria um panorama étnico dos mais complexos. Povos assimilados em alguns lugares, mas que, em outros, segregaram-se, dotando os Bálcãs de uma demopolítica dispersa. Povos entre os quais têm destaque:

- os gregos, descendentes assimilados dos seus ancestrais, ou cruzados com outros grupos;

- os albaneses, relacionados com os antigos ilírios, usando a designação própria *shquiptare*, significando homem do país das águias;
- os valacos ou rumenos, em constante nomadismo, aos quais se vieram juntar os sérvios, autênticos eslavos chegados nos séculos VI e VII; os búlgaros, de origem mongólica, porém fortemente eslavizados, vindos no século VII; os turcos otomanos, invasores do século XIV;

Considerados os verdadeiros colonizadores dos Bálcãs, os eslavos aos poucos diferenciaram-se dos sérvios, croatas e macedônios. As constantes ondas migratórias levaram alguns desses povos a se acomodarem, cercados por fronteiras geo-históricas, mas não políticas. Foi o caso dos macedônios, com seu *habitat* dividido entre Iugoslávia, Bulgária e Grécia, que preocupa hoje tanto a política do Governo de Atenas.

A Península balcânica tem uma área que não alcança a de nosso Sudeste, região natural brasileira constituída pelos Estados do Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro (927.286 km²).

Embora com sua História caracterizada pela violência internacional, nos Bálcãs o culto pelo passado e velhas tradições serve de apoio a muitas nacionalidades.

A Bulgária é país de maiores afinidades com a Rússia, pois o alfabeto cirílico, comum aos dois países, atraiu sempre a elite búlgara a estudar em Moscou ou São Petersburgo. O *boro* é a presença viva do passado búlgaro, dan-

ça folclórica de grande agilidade como a dos cossacos, assemelha-se bastante ao *kolo* sérvio.

A *doina*, canção melancólica, assemelha-se às baladas líricas dos búlgaros, tal como o fado português.

Os trajes com bordados coloridos são comuns nos vários países balcânicos; mas é na Albânia que a *schupleta*, veste típica das mulheres, é considerado o mais antigo, ainda em uso no mundo civilizado, acreditando-se que venha do período creto-micênico, do segundo milênio antes de Cristo.

O passado e o presente históricos interpenetram-se nos Bálcãs, de países com fronteiras em contínua mutabilidade, pois a Geografia condenou esse espaço europeu a participar sempre do jogo geopolítico dos grandes impérios.

O esfacelamento do Império Otomano, nos fins do século XIX e começo do XX, animaria os nacionalismos locais, manejados, muitas vezes, pelas grandes potências.

Nenhum domínio, porém, conseguiu unificar os Bálcãs, muito embora cada uma dessas culturas exteriores tenha deixado aí sua marca.

A topografia abrupta e dificuldades de intercâmbio na região favoreceriam a resistência dos povos balcânicos.

Povos balcânicos, cuja complexidade etnográfica contribuiu para impor a base do regionalismo, o que, na prática, é tradicional em toda a Europa. Como as rivalidades locais são tenazes e inflamadas, em face ao sistema feudal ainda não liquidado, as interferências externas nada mais fizeram e fazem do que provocar conflitos internos nos Bálcãs. ☉

Independência do Kosovo e o Direito Internacional*

*Marcelo Rech***

No dia 17 de fevereiro, uma declaração unilateral, emitida pelo Parlamento de Kosovo, reacendeu a discussão sobre o Direito Internacional quanto à soberania e à integridade territorial de um Estado, e dividiu o Mundo entre os que reconheceram a independência do país e aqueles que apóiam a Sérvia, segundo princípios básicos da lei internacional.

O Brasil preferiu esperar por uma resolução da Organização das Nações Unidas (ONU) para se manifestar. Faz o jogo duplo de quem não quer desagradar ninguém. No entanto, mais importante que a neutralidade brasileira é a divisão que impera entre os 15 membros do Conselho de Segurança da ONU, o que não leva a um consenso.

Estados Unidos, Grã-Bretanha, França, Itália, Bélgica e Croácia reconheceram o novo Estado com o respaldo da União Européia e da Otan, instituições que se responsabilizaram pela segurança e pelo desenvolvimento do Kosovo.

Por outro lado, países como Rússia e China entendem que a autoproclamação da independência de Kosovo viola a soberania da Sérvia, segundo a carta das Nações Unidas. Talvez por isso, o secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, evitou responder aos jornalistas se considera legal a declaração unilateral de independência pelo Kosovo.

Apesar de contraditória, a posição dos 27 países que integram a União Européia foi de apoio à independência do Kosovo, seguindo à risca a política externa norte-americana. Além disso, a iniciativa tem o apoio da Organização de Segurança e Cooperação na Europa (Osce), que está disposta a interferir caso haja uma ameaça à segurança do novo Estado e à desestabilização da situação na região.

Ao lado de Rússia e China, Indonésia, Índia, Espanha, Grécia, Eslováquia, Romênia, Bulgária, República Checa e Chipre, que não estariam prontos para reconhecer a independência do Kosovo, Portugal e Malta exigem que o futuro da província seja resolvido pelo Conselho de Segurança da ONU.

A propósito, mesmo nos Estados Unidos, há quem discorde da decisão de reconhecer a independência do Kosovo e estabelecer relações diplomáticas com esse país.

O presidente do Instituto da Religião e Política Pública, de Washington, Joseph Gribosky, acredita que a separação do Kosovo da Sérvia poderá desestabilizar a situação mundial. Ele entende que a decisão vai reforçar vários movimentos separatistas em curso.

Preveno o crescimento das tensões na região, tropas da Otan fecharam a fronteira norte para isolar o Kosovo da Sérvia. À sua vez, a

* Transcrito de InfoRel, em 29 de março de 2008.

** O autor é jornalista, editor do InfoRel e especialista em Relações Internacionais e Estratégias e Políticas de Defesa.

União Européia enviou uma missão a Kosovo para assegurar a lei e a ordem, em um enclave que respira instabilidade.

A União Européia também pretende ajudar Kosovo economicamente, com cerca de 300 bilhões de euros nos próximos anos. No mês de junho, deverá ser realizada uma reunião de países doadores para que o Kosovo tenha alguma sustentabilidade financeira, a fim de lhe proporcionar seus primeiros passos como nação.

Igualmente importante é percebermos que os Estados Unidos estabeleceram no Kosovo a sua maior base militar na Europa. O Departamento de Estado dos Estados Unidos chegou a divulgar que “pretende guardar as suas tropas no Kosovo até que a missão da Otan tenha saído”.

Atualmente, as Forças Armadas do novo país são formadas a partir do Corpo do Exército de Proteção do Kosovo (KPC), que foi gradual e silenciosamente formado com base no antigo Exército de Libertação do Kosovo (UCK). Este integrou, de forma conveniente, a lista de organização terrorista estabelecida pela comunidade internacional.

O fato é que os Estados Unidos mais uma vez tiveram sucesso na Europa, que por sua vez, confirmou sua debilidade. Hoje, a União Européia está enfraquecida como organização, não por obra dos kosovares, mas dos norte-americanos.

O reconhecimento do Kosovo violou princípios legais internacionais como “soberania” e “inviolabilidade de fronteiras”. É possível que tal situação afete a estrutura das relações internacionais, minando definitivamente a já questionada autoridade das Nações Unidas.

Mais que isso, o reconhecimento da independência do Kosovo pode “descongelar” conflitos e estimular outras regiões a buscarem sua independência. Esse reconhecimento pelos europeus também desafia a futura adesão da Sérvia à União Européia. Está claro que as relações entre a Sérvia e vários países membros da UE estão comprometidas.

Esse quadro alimenta especulações acerca da possibilidade de uma nova guerra nos Bálcãs, o que ainda é pouco provável, mas que não deve ser completamente descartada.

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO EDITORA

Coleção General Benício



BRASIL-FRANÇA, RELAÇÕES HISTÓRICAS NO PERÍODO COLONIAL

Vasco Mariz (organizador)

As relações entre luso-brasileiros e franceses no período colonial comentadas por 12 autores numa só obra.

O leitor conhecerá a influência da cultura francesa nas diferentes regiões da colônia portuguesa na América do Sul.

O *schwerpunkt* de Clausewitz mal traduzido do alemão, mal entendido em inglês*

Milan Vego**

Em uma época na qual o Exército dos Estados Unidos avança em seus esforços para transformar-se de modo profundo, pode ser útil para seus líderes reexaminar as origens de alguns conceitos que servem como fundamentos teóricos do exército atual e de sua doutrina. Entre estes, que deveriam ser cuidadosamente considerados, está o “centro de gravidade” (CG), um conceito amplamente atribuído a Carl Von Clausewitz e agora considerado como o coração de qualquer plano razoável de campanha ou operação de grande escala.¹ Até mesmo uma olhada superficial na literatura militar dos últimos 30 anos, começando com documentos sobre doutrina elaborados pelo Exército norte-americano, revela o quão onipresente e essencial o conceito de CG tornou-se para o pensamento operacional nos EUA. Grande quantidade de tempo, energia, caneta e papel tem sido empregada na definição, na análise e no debate sobre como o conceito deveria ser corretamente aplicado no contexto de um suposto paradigma clausewitziano de guerra. Entretanto, o maior

problema a respeito desse tema, ao menos em uma perspectiva histórica, é que o próprio Clausewitz jamais utilizou o termo “centro de gravidade”. Talvez, ele também não concordasse completamente com o que esse conceito representa no atual repertório militar norte-americano. O termo, a partir do qual o conceito de CG foi elaborado, *Schwerpunkt* significa na realidade “foco de esforço”, ou “ponto de aplicação principal do poder de combate”. Ao se retornar o centro de gravidade como um dos pilares da doutrina, é importante observar que o conceito original de *schwerpunkt* está, de fato, mais próximo do que os militares dos EUA agora denominam de “setor de esforço principal” e “ponto de ataque principal” (defesa). Apesar de a descrição original clausewitziana do *schwerpunkt* incluir, assim como o CG, os elementos físicos e humanos, ele é menos complicado de se identificar, embora não necessariamente menos complicado de se aplicar do que o conceito CG dos EUA. Em contraste com o emprego moderno de centro de gravidade, o *schwerpunkt* de

* Transcrito da *Military Review*, mai-jun 2007.

** O autor é professor de operações conjuntas, na Escola de Guerra Naval dos EUA. Possui o título de Bacharel e de Mestre pela Universidade de Belgrado, e Ph.D. pela Universidade de George Washington. É autor do manual *Operational Warfare* (2001) e de *The Battle for Leyte: Allied and Japanese Plans, Preparation and Execution* (2006).

¹ Em uma estrita definição do termo, um centro de gravidade é “aquele ponto de um objeto ao redor do qual seu peso é igualmente distribuído ou balanceado; Centro da massa; Ponto de equilíbrio”. *Webster's New World Dictionary of the American Language*. College Edition. Nova Iorque: World Publishing, 1960.

Clausewitz lidava quase exclusivamente com o nível estratégico da guerra.

O objetivo deste trabalho é traçar o desenvolvimento do conceito de *schwerpunkt*, conforme entendido e aplicado pelos alemães, provavelmente de forma mais de acordo com a intenção de Clausewitz, desde o período do Marechal Alfred Von Schlieffen como Chefe do Estado-Maior das Forças alemãs, nos anos do entreguerras, até a Segunda Guerra Mundial. Poderemos então comparar a interpretação alemã com a norte-americana, para examinar a validade do conceito atual de centro de gravidade nos EUA. Nossa análise oferecerá talvez uma alternativa correlacionada, mas significativamente diferente ao conceito moderno de CG. Alternativa essa que talvez possamos utilizar como ponto principal no planejamento de futuras campanhas ou operações de grande escala.

O desenvolvimento do *schwerpunkt*

Clausewitz utilizou o *schwerpunkt* em diversas ocasiões em seu trabalho seminal *On War* (capítulo 4, “a mais aproximada definição do objetivo de uma guerra: a destruição do inimigo”, no livro 8). Em países sujeitos a conflitos internos, ele declarava ser o *schwerpunkt* geralmente a capital. No mesmo parágrafo, ele diz que:

Em países pequenos que dependem de outros maiores, o *schwerpunkt* é normalmente o exército de seu protetor; entre alianças ele reside na comunidade de interesses e durante levantes populares ele é a

personalidade de seus líderes e a opinião pública. é contra estes que nossas energias deveriam ser direcionadas.²

Ao avaliar todas essas possibilidades, uma pessoa deveria ter em mente as idéias de Clausewitz acerca do *schwerpunkt*; afinal de contas, Clausewitz acreditava firmemente que a destruição ou neutralização das forças inimigas era o caminho para a vitória final. A identificação do *schwerpunkt* capacitaria o atacante a alcançar esses objetivos.

Apesar de vários teóricos alemães e austríacos, da metade para o final do século XIX, terem enfatizado que a capital se constituía no *schwerpunkt* contra o qual os esforços de alguém deveriam ser direcionados, o objetivo subentendido para se lidar com a capital era o mesmo: ameaçá-la ou tomá-la para a destruição ou neutralização final das forças armadas de um inimigo. Os teóricos, portanto, forjaram um novo termo, *schwerpunktlinie*, “linha de concentração de esforços” — a mais curta, mais direta linha entre uma base de operações e a capital inimiga. Para alcançar vitória, esperava-se que um exército operasse decisivamente ao longo da linha de concentração de esforços e, ao fazê-lo, atingisse seu objetivo mais rapidamente.³

O *schwerpunkt* evolui

De seu sentido original como “concentração de esforços”, atualmente conhecido por muitos exércitos como “esforço principal”, o *schwerpunkt* sofreu algumas sutis, mas significativas mudanças ao final e após os anos 1880,

² CLAUSEWITZ, Carl von. *On War*. Edição e tradução de Michael Howard e Peter Paret. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1984. p. 596.

³ NEUMANN, J. *Grundzuege der Strategie. Ein Leitfaden fuer das Studium der Kriegsgeschichte*. Viena, 1870. p. 8.

principalmente estimulado por um vigoroso debate entre teóricos alemães acerca desta questão: se a introdução de armas mais destrutivas havia transformado os ataques de larga escala obsoletos.⁴ O problema alemão, no nível estratégico, era a alta probabilidade de uma guerra contra dois fortes oponentes em duas frentes diferentes. Um consenso emergiu de que o conceito da concentração do esforço oferecia o único caminho para neutralizar a absoluta superioridade estratégica que os potenciais inimigos da Alemanha pudessem ter. Portanto, os alemães planejaram alcançar a superioridade operacional em pontos decisivos de cada frente de batalha, o mais rápido possível, de modo a encerrar o conflito antes que este pudesse se transformar em uma desgastante guerra de atrito em duas frentes.

Poucos foram mais influentes ao enfatizar a importância essencial do princípio da concentração do esforço do que Schlieffen.⁵ Ele havia concluído que, em virtude do advento dos exércitos com o número superior a um milhão de homens e com o poder de devastação ampliado pelas novas armas, as linhas de frente tornar-se-iam inevitavelmente estendidas e ininterruptas. Isso significava que o atacante apenas poderia sonhar com o sucesso se suas forças fossem posicionadas de

forma organizada, em profundidade e, precisamente, no lugar correto, no momento decisivo.⁶ Schlieffen acreditava que, enfraquecendo drasticamente suas forças em certas partes da linha de frente e as concentrando em um ponto onde pudesse decidir a batalha, atenderia aos pré-requisitos para o sucesso. Operações decisivas seriam conduzidas, onde o inimigo fosse mais fraco e nenhum ataque fosse esperado.⁷ A influência de Schlieffen foi a principal responsável pela ênfase alemã na incorporação do *schwerpunkt* nos níveis operacional e tático da guerra.

Posteriormente, os alemães aperfeiçoaram o conceito de concentração do esforço entre as duas grandes guerras.⁸ No início dos anos 1920, os manuais de campanha do *Reichswehr* estipulavam que qualquer ataque precisava ter seu ponto de concentração do esforço, o qual deveria ser estabelecido em uma ordem de operações (O Op).⁹ Sob o General Ludwig Beck, Chefe do Estado-Maior do Exército de 1935 a 1938, o enfoque mudou para a questão de como conduzir manobras de penetração e envolvimento usando o *schwerpunkt* como princípio-guia. Fatores a serem considerados no planejamento de uma manobra decisiva de penetração incluíam o dispositivo do inimigo, a natureza do terreno e o emprego eficiente de suas forças.¹⁰

⁴ BRANDENBERGER, Erich. *Der Deutsche Generalstab, ZA/1 1879, 031a, 30, Teil Studien der Historical Division Headquarters. United States Army Europe, Foreign Military Studies Branch Bundesarchiv/Militaerarchiv (BA-MA), Freiburg, i. Br., p. 91-92.*

⁵ FRIESER, Karl-Heinz. *Blitzkrieg-Legende. 194 Der Westfeldzug 1940.* Munich: R. Oldenbourg Verlag, 1995. p. 416.

⁶ BRANDENBERGER, Erich. *Der Deutsche Generalstab, ZA/1 1879, 031a, 30, Teil Studien der Historical Division Headquarters. United States Army Europe, Foreign Military Studies Branch Bundesarchiv/Militaerarchiv (BA-MA), Freiburg, i. Br., p. 91-92.*

⁷ COCHENHAUSEN, Friedrich von. "Schlieffen. Zu seinem 100 jaehrigen Geburtstage 28 de fevereiro de 1933," *Militaerwissenschaftliche Mitteilungen.* Viena: 1933. p. 18.

⁸ O termo 'peso de esforços' é também usado em referência ao foco de planejamento de força, esforços diplomáticos, política e muitas áreas da vida social e da ciência.

⁹ "Mittel und Wege der Schwerpunktbildung". *Militaer-Wochenblatt*, n. 6, p. 207, ago. 1931.

¹⁰ BRANDENBERGER, op. cit, p. 111.

Selecionando o *schwerpunkt*

O mais importante documento para a fase inicial de uma campanha era aquilo que os alemães chamavam de *Aufmarschanweisungen* (“calco de operações”). Esse documento claramente explicitava o limite e a direção do *schwerpunkt*, e estipulava a necessidade da concentração de forças para apoiá-lo. Como consequência, forças em outros setores precisavam ser reduzidas em favor da estratégia escolhida.¹¹ Também subentendia-se que os comandantes, em todos os escalões, eram responsáveis por selecionar seus próprios *schwerpunkt*, apesar de os comandantes superiores manterem, onde apropriado, a prerrogativa de determinar a concentração do esforço de seus subordinados.¹²

A intenção do comandante

Os principais fatores na seleção da concentração do esforço eram: a intenção do comandante, *Absicht*, a situação do inimigo e o terreno (ver figura 1).¹³ A intenção oferecia a visão do comandante de maior nível sobre qual deveria ser a situação final de uma operação. Sob o sistema alemão, a visão do comandante era virtualmente inquestionável. No entanto, a doutrina estipulava que, durante a execução de

uma missão, cada comandante subordinado deveria possuir liberdade de ação, desde que respeitado o plano geral do comando superior.¹⁴ Para equilibrar a visão do comandante e a flexibilidade de ação, os comandantes subordinados eram chamados a avaliar todo seu planejamento de ações em consonância com o plano de operações do escalão superior.¹⁵ Em geral, a intenção do comandante promovia a união dos esforços de modo flexível, para que não prevalecesse precisamente os planos ou expectativas de uma única pessoa.¹⁶

Na *Wehrmacht*, esse fator não reiterava simplesmente o esquema de manobra; mais que isso, incentivava os comandantes subordinados de níveis inferiores a pensarem e agirem mais rápido que o inimigo e a conquistarem a iniciativa. De cada comandante exigia-se o entendimento da missão dois escalões acima do seu. Isso era necessário para capacitá-los na tomada de decisões durante situações nas quais o comando da operação não pudesse ser alcançado a tempo para maiores instruções.¹⁷

A situação do inimigo

Apesar de múltiplos fatores influenciarem na determinação do *schwerpunkt*, a situação do

¹¹ RENDULIC, Lothar. *Entschlussfassung*, MS # D-080a, 9 de março de 1947, ZA/1 1429, Studien der Historical Division Headquarters, United States Army Europe, Foreign Military Studies Branch, BA-MA, p. 8-9.

¹² “Mittel und Wege der *Schwerpunkt*bildung,” p. 210; KESSELRING, Albert. *Kurzvorschrift fuer Fuehrung und Kampf in den Niederen Einheiten*, 1 de outubro de 1950, MS # P-060b, ZA/1, Studien der Historical Division Headquarters, United States Army Europe, Foreign Military Studies Branch, BA-MA, p. 21.

¹³ “*Schwerpunkt*,” HDv 100/900 VS-NfD, Sch-SEA; “*Schwerpunkt*,” ed. Hermann Franke. *Handbuch der neuzeitlichen Wehrwissenschaften 1, Wehrpolitik und Kriegfuehrung*. Berlin, Leipzig: Walter de Gruyter, 1936. p. 649.

¹⁴ ANTAL, John F. “Forward Command: The *Wehrmacht*’s Approach To Command and Control in World War II.” *Armor* (novembro-dezembro de 1991): p.28.

¹⁵ KEITHLY, David M.; FERRIS, Stephen P. “Auftragstaktik, or Directive Control, in Joint and Combined Operations.” *Parameters*. 1999. p.125.

¹⁶ NELSEN II, John T. “Auftragstaktik: a case for decentralized battle,” *Parameters*, 1987. p. 25.

¹⁷ ANTAL, loc. cit

inimigo era, de fato, a mais importante. A abordagem alemã era analisar cuidadosamente sua própria situação e a do inimigo antes de decidir sobre o foco de esforço e o desenvolvimento da ação. Reconhecimentos terrestres e aéreos eram fundamentais no ganho de precisão e confiabilidade acerca do real posicionamento e distribuição do inimigo.

Terreno

O terreno era outro fator de planejamento importante. Ao selecioná-lo para o foco de esforço, os alemães acreditavam que as posições mais valiosas neste eram aquelas que permitiam o controle sobre as posições inimigas por uma vasta área e que pudessem exercer um efeito imediato sobre partes adjacentes das forças inimigas.¹⁸ Outras importantes considerações sobre o terreno eram o número de linhas de comunicação ou vias de acesso que uma área possuía e se o local podia ser alcançado por meio de rotas cobertas ou camufladas.

No entanto, pode-se dizer que a facilidade de manobra dificilmente era considerada um fator decisivo na seleção do foco de esforço. Os alemães sempre conseguiam equilibrar as desvantagens do uso de poucas e desfavoráveis vias de acesso, com as vantagens de se obter o fator surpresa nas operações.¹⁹ De fato, ao planejar a invasão da França em 1940, os alemães optaram pelo elemento surpresa nas Ardenas, em vez da facilidade de movimentação e de concentração na Bélgica e na Holanda.

Também pesavam profundamente na seleção dos locais para a concentração do esforço a possibilidade de se empregar aviação de ataque, forças mecanizadas em massa e a artilharia em um papel decisivo.

Desmembrando o *schwerpunkt*

A extensão lateral da concentração do esforço era denominada *schwerpunktabschnitt* e era expressa em quilômetros. *Schwerpunkttraum* era, por sua vez, a zona de ação, estendendo-se em profundidade para trás das linhas de frente, ou seja, zona de retaguarda. Esta havia de ser profunda o suficiente para permitir constantes reforços das forças de vanguarda, uma vez que a penetração fosse conquistada. Os alemães enfatizavam que a superioridade local na concentração do esforço seria criada pela seleção de estreitas faixas de combate, *Gefechtsstreifen*, e, em seguida, pelo desencadeamento de ataques em profundidade por dentro delas.²⁰

O *Schwerpunkt* em ataque

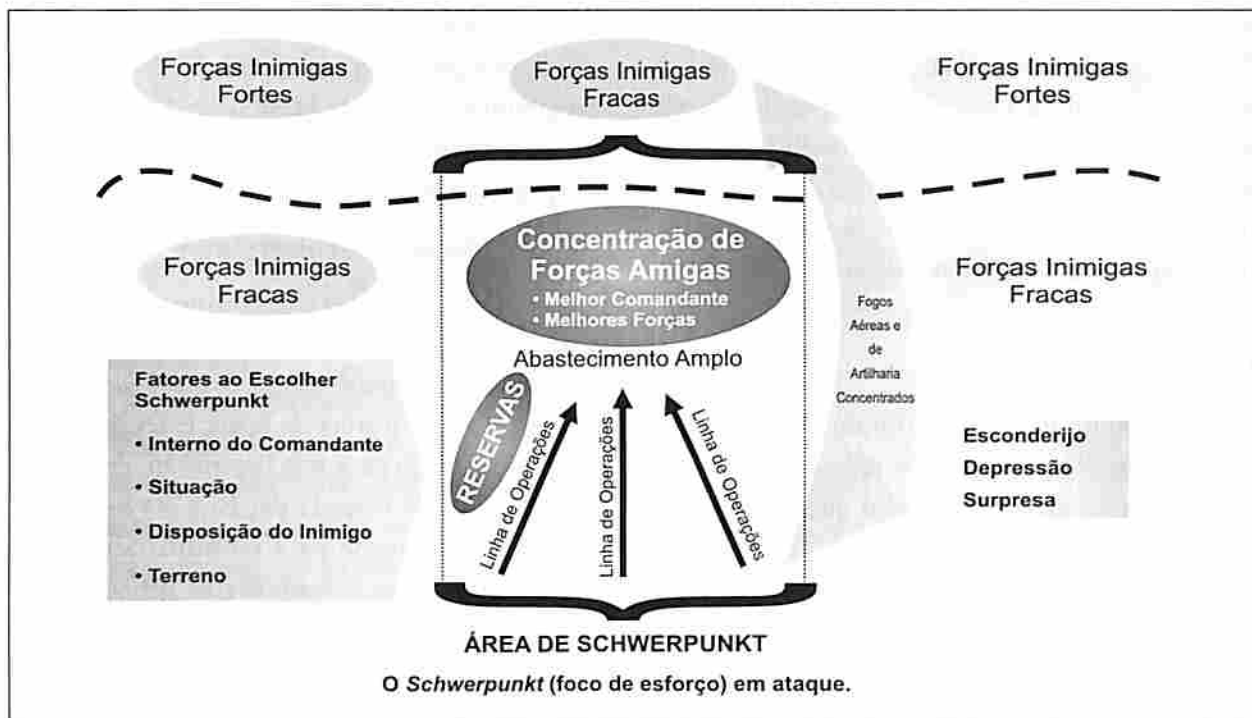
Ao planejar um ataque, os alemães priorizavam a concentração do esforço onde eles acreditassem que o inimigo tivesse suas forças mais fracas, fossem estas em número ou em qualidade. Uma preocupação constante era o perigo de que o inimigo deduzisse as intenções alemãs por meio da reunião de suas forças em locais específicos e, conseqüentemente, tomasse suas contramedidas.

Por essa razão, os alemães enfatizavam que os pré-requisitos para o sucesso estavam em agir

¹⁸ "Mittel und Wege der Schwerpunktbildung". *Militaer-Wochenblatt*, n. 6, p. 207, ago. 1931.p. 208.

¹⁹ PALMER, Peter J. *Operational Main Effort and Campaign Planning*. Fort Leavenworth: School of Advanced Military Studies, U.S. Army Command and General Staff College, 1991. p. 18.

²⁰ Ibid.



sem aviso e mover suas forças rápida e repentinamente, ao mesmo tempo preservando o sigilo e enganando o defensor.²¹ O plano alemão para a operação Amarela, a invasão da França, em maio de 1940, foi um modelo de planejamento empregando-se o *schwerpunkt*. Posicionou corretamente a concentração do esforço no Rio Meuse, entre Sedan e Dinant, um setor crucialmente importante, mas defendido por apenas sete divisões francesas, majoritariamente de segunda categoria.²²

No planejamento de ataque, os alemães também tentavam determinar os limites entre duas frentes inimigas adjacentes, para então

posicionar a concentração do esforço naquele setor específico da frente de combate. Por exemplo, no final de dezembro de 1944, na Operação *Wacht am Rhein*, Vigília no Reno, a qual ficou conhecida pelos aliados como a Batalha do Bolsão, “Batalha das Ardenas”, os alemães selecionaram seu *schwerpunkt* no setor, contendo os limites entre os Exércitos britânico e norte-americano.²³ A concentração do esforço da operação inteira estava entre Monschau e Echternach, selecionada prioritariamente porque aquela área era fracamente ocupada por tropas aliadas quando comparada a outros setores. Os comandantes alemães acreditaram estar com-

²¹ “Schwerpunkt.” HDv 100/900 VS-NfD, Sch-SEA; “Schwerpunkt,” ed. Hermann Franke. *Handbuch der neuzeitlichen Wehrwissenschaften 1, Wehrpolitik und Kriegführung*. Berlin, Leipzig: Walter de Gruyter, 1936, p. 212–13.

²² FRIESER, Karl-Heinz. *Blitzkrieg-Legende. 194 Der Westfeldzug 1940*. Munique: R. Oldenbourg Verlag, 1995, p. 106; GREGORY, Charles R. *Operational Reserves—Renewing the Offensive Spirit*. Fort Leavenworth, KS: School of Advanced Military Studies, Centro de Ensino de Comando e Estado-Maior dos EUA, 1988, p. 16.

²³ VOGGENREITER, Martin. “Fruehjahrsoffensive 1918 und Ardennenoffensive 1944,” *Wehrwissenschaftliche Rundschau*, 1964, p. 746–47.

batendo o I Corpo de Exército dos EUA, com oito divisões de infantarias e três divisões blindadas. Na realidade, apenas cinco divisões dos EUA e parte de uma divisão blindada, totalizando 83 mil homens e 400 blindados foram posicionadas ao longo das 62 milhas de extensão do setor de Monschau-Echternach.²⁴

O Schwerpunkt na defesa

Na defesa, os alemães estipulavam que o foco de esforço deveria ser designado como uma oposição ao foco de esforço inimigo. Em outras palavras, o posicionamento inimigo e a intenção do comandante determinavam a posição a ser defendida.²⁵ Ao conduzir uma ação retardadora, os alemães tentavam realizar a concentração do esforço em uma área que forçasse o atacante a canalizar suas forças para uma faixa do terreno estreita, profunda e cheia de obstáculos.²⁶

O schwerpunkt dentro do schwerpunkt

Em uma campanha, os alemães determinavam a concentração do esforço em cada nível de comando, desde o escalão do exército até o das forças táticas. Conseqüentemente, havia diversos schwerpunkts dentro da concentração do esforço do exército, da divisão ou do

batalhão. Por exemplo, entre os três grupos de forças empregadas na Operação Amarela, o esforço ficou a cargo do Grupo de Exércitos A, do General Gerd Von Rundstedt — 4º, 12º e 16º Exércitos e Grupo Panzer Von Kleist —, posicionados ao longo de 100 milhas (161km) da linha de frente, por trás de Namur e Longwy. Dentro desse grupo de exércitos, uma concentração do esforço subordinado era o Grupo Von Kleist — XXXI Corpo Panzer, XIX Corpo Panzer e XVI Corpo Motorizado. Essa força possuía 5 das 10 divisões panzer alemãs então disponíveis, 2 outras divisões panzer estavam alocadas ao 4º Exército, e foi então posicionada por trás de uma faixa de 50 milhas dos rios Meuse e Chiers, em três localidades.²⁷ A concentração do esforço para o XIX Corpo, do General Heinz Guderian, 3 divisões panzer, com 60 mil homens e 22 mil veículos, era o setor de 6,2 milhas (10km) de largura entre o Canal de Ardenas e Noyers-Pont Maugis. Guderian, por sua vez, selecionou um setor de 3,1 milhas (5km) de largura entre Donchery e Vadencourt para o esforço de sua 1ª Divisão Panzer.²⁸ A seleção de cada schwerpunkt era determinada com base em um completo e preciso reconhecimento do terreno e das forças inimigas posicionadas na área. Ao fazer tais determinações, os comandantes não apenas

²⁴ FOERSTER, Roland G. "The Ardennes Offensive in 1944: Politico-strategic Consideration and Operational Planning on the German Side," em *Militaergeschichtliche Forschungsamt*, ed., *Development, Planning and Realization of Operational Conceptions in World Wars I and II*, p. 85; PARKER, Danny S., ed., *The Battle of the Bulge: The German View. Perspectives from Hitler's High Command*. Londres: Greenhill Books, 1994. p. 39.

²⁵ "Mittel und Wege der Schwerpunktbildung". *Militaer-Wochenblatt*, n. 6, ago. 1931. p. 207; KESSELRING, Albert. *Kurzvorschrift fuer Fuehrung und Kampf in den Niederen Einheiten*, 1 de outubro de 1950, MS # P-060b, ZA/1, Studien der Historical Division Headquarters, United States Army Europe, Foreign Military Studies Branch, BA-MA, p. 21.

²⁶ HILLER, W. *Vergleich und Bewertung der in der HDv 100/100 (TF/G) und in der Anweisung fuer Fuehrung und Einsatz 700/108 dargestellten Fuehrungsgrundsätze*. Hamburg: Fuehrungsakademie der Bundeswehr, 1985. p. 15.

²⁷ GREGORY, Charles R. *Operational Reserves—Renewing the Offensive Spirit*. Forte Leavenworth, KS: School of Advanced Military Studies, Centro de Ensino de Comando e Estado-Maior dos EUA, 1988. p. 14.

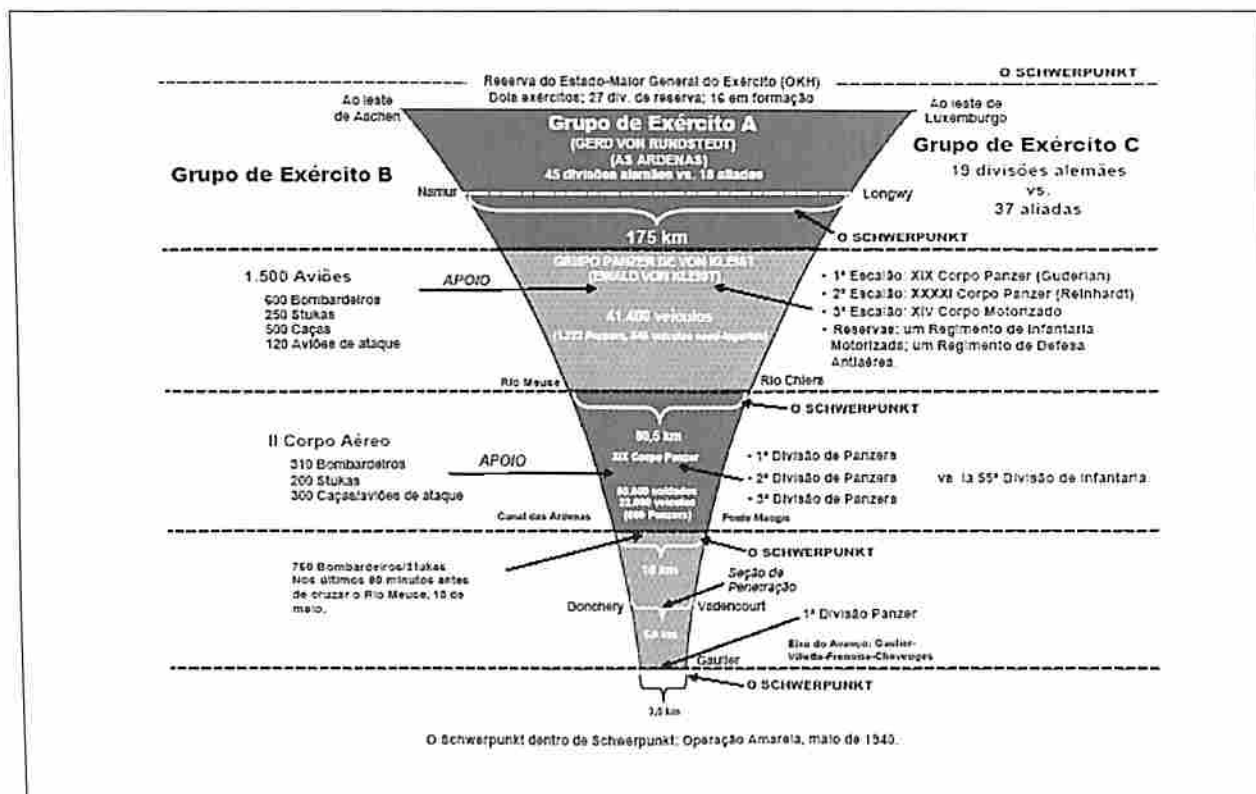
²⁸ FRIESER, Karl-Heinz. *Blitzkrieg-Legende. 194 Der Westfeldzug 1940*. Munich: R. Oldenbourg Verlag, 1995. p. 191.

precisavam estudar os mapas da área, mas também eram levados a realizar, eles próprios, um reconhecimento de terreno, bem como a serem informados dos resultados das patrulhas naquela área. Era considerado um erro significativo, e particularmente desonroso, quando as forças eram posicionadas erroneamente, porque um comandante não possuía informações suficientes acerca da ordem de batalha do inimigo no terreno.²⁹

A distribuição de forças de acordo com o schwerpunkt

Assim como atesta a história, os alemães normalmente selecionavam a concentração do esforço apropriado e designavam forças sufici-

entes para aquela tarefa. No entanto, em outros casos, as forças necessárias não estavam disponíveis ou o alto comando havia tomado uma decisão errônea na distribuição de suas forças de apoio ao schwerpunkt. Por exemplo, em seu famoso memorando sobre uma possível guerra contra a França, em 1905, Schlieffen possivelmente tinha adequadamente distribuído as forças alemãs entre duas alas, apesar de agora podermos apenas conjecturar a respeito. Ele aparentemente desejava que o flanco direito fosse tão forte quanto possível, enquanto permaneceria na defensiva na Alsácia-Lorena. Schlieffen, portanto, previa uma força de 23 corpos-de-exército, 12,5 corpos de reserva e 8 divisões de cavalaria avançando rumo ao nordeste francês



²⁹ "Mittel und Wege der Schwerpunktbildung," op. cit., p. 208.

através da Bélgica. O pivô da manobra deveria estar situado na área de Mmetz-Diedenhofen, Thionville. No flanco esquerdo, o plano de Schlieffen requeria o posicionamento de apenas 3,5 do exército, 1 corpo de reserva e 3 divisões de cavalaria.³⁰ Um total de 54 divisões deveriam ser posicionadas entre Metz e Achen, deixando apenas 8 divisões na área da Alsácia-Lorena, ou seja, uma proporção de 7 para 1 entre as alas direita e esquerda do Exército alemão. O sucessor de Schlieffen, General Helmuth Von Moltke Jr., possuía 8 divisões novas disponíveis para posicionamento e, em uma infração ao conceito de *schwerpunkt*, alocou todas elas para a ala esquerda. Isso alterou a proporção de forças entre as duas alas, estabelecendo 3 para 1 e, ao fazê-lo, provavelmente condenou o avanço alemão no norte da França.³¹ Em consequência, aquilo que os alemães muito temiam — uma guerra de atrito em duas frentes — veio a ocorrer.

Antes que a Segunda Guerra Mundial e a invasão da França e Benelux pela Alemanha ocorressem, o Estado-Maior do Exército alemão divulgou seu esquema de manobra com o posicionamento de suas forças, em 19 de outubro de 1939, alocando 37 divisões ao Grupo de Exército B, em contraste com as 26 divisões alocadas ao Grupo de Exército A. Essa decisão também foi errônea, uma vez que os aliados haviam posicionado o maior número de

suas divisões no nordeste, no setor do Grupo de Exército B. Ignorando os pressupostos do *schwerpunkt*, O Estado-Maior havia escolhido atacar onde o inimigo era mais forte, em vez do mais fraco. No entanto, os alemães corrigiram seu erro, antes da invasão, por meio da alteração da concentração do esforço de toda a campanha, do Grupo de Exército B para o Grupo de Exército A, no centro, posicionando 45 divisões na fronteira com Luxemburgo, onde os aliados possuíam apenas 18.³² Imediatamente ao sul, na vizinha Ardenas, os belgas haviam posicionado apenas duas fracas divisões. Na área do esforço do Grupo Panzer Von Kleist, do Grupo de Exércitos A, os franceses haviam posicionado as 9ª e 2ª Divisões.³³ Os franceses apressadamente posicionaram quatro divisões e duas brigadas de cavalaria no combate para enfrentar, em 10 de maio, os panzer de Von Kleist que avançavam. Foram posicionadas 37 divisões completas, incluindo uma divisão polonesa, por trás da Linha Maginot, onde elas enfrentaram apenas 19 divisões do Grupo de Exércitos C alemão.³⁴ O resto é história: o Grupo de Exército A prontamente penetrou as forças aliadas no centro, flanqueando a Linha Maginot e isolando a ampla força aliada no norte em um bolsão. Ao utilizar corretamente o *schwerpunkt*, os alemães conquistaram a França de forma impressionante, em apenas 45 dias.

³⁰ BERNHARDI, Friedrich von. *Deutschlands Heldenkampf 1914–1918*. Munique: Ed. J. F. Lehmanns Verlag, 1922. p. 98.

³¹ ROTH, Guenter. "Operatives Denken bei Schlieffen und Manstein," em OTTMER, Hans-Martin; OSTERTAG, Heiger. *Ausgewählte Operationen und ihre militärhistorischen Grundlagen, Operatives Denken und Handeln in deutschen Streitkräften*, publicado sob os cuidados de Militärgeschichtlichen Forschungsamt (MGFA). Bonn/Herford: Verlag E.S. Mittler & Sohn, 1993. p. 284.

³² FRIESER, Karl-Heinz. *Blitzkrieg-Legende. 194 Der Westfeldzug 1940*. Munich: R. Oldenbourg Verlag, 1995. p. 105–06.

³³ O Grupo Panzer Von Kleist era capaz de conduzir operações independentes terra-ar de grande escala; conseqüentemente, em termos de capacidade, equivalia a um Grupo de Exércitos.

³⁴ FRIESER, Karl-Heinz. *Blitzkrieg-Legende. 194 Der Westfeldzug 1940*. Munich: R. Oldenbourg Verlag, 1995. p. 106.

Concentração do esforço

Na teoria e na prática alemãs, cada comandante era responsável por concentrar suas forças no esforço, *schwerpunktbildung*, de modo ordenado.³⁵ Isso era talvez um dos elementos mais críticos para o sucesso de toda uma campanha ou operação de grande escala. Entre outras coisas, suas forças deveriam estar escalonadas em profundidade na área do esforço. Conseqüentemente, a extensão do esforço deveria ser relativamente curta. A área de concentração selecionada deveria permitir o fogo concentrado de várias armas, amplo suprimento de munições e forte apoio aéreo. Outra necessidade era a criação de reservas suficientes na área do esforço para empregá-las no decorrer das operações de combate.³⁶ Ao concentrar suas forças contra os pontos fracos do inimigo, os alemães eram cuidadosos para garantir que as condições fossem favoráveis a uma rápida e completa penetração. Cada comandante era responsável por trazer suas forças à área de ataque de modo ordenado, para então posicioná-las em profundidade ao longo de uma frente de batalha estreita, de modo a permitir a máxima concentração de tropas no ponto mais fraco do inimigo. Durante a operação, a surpresa também era importante. Utilizando-se da velocidade, mobilidade, terreno e cobertura da noite, esperava-se que os comandantes manobras-

sem suas unidades para suas posições de assalto sem alertar o inimigo sobre o iminente ataque e, conseqüentemente, o privasse da oportunidade de reforçar a área-alvo do *schwerpunkt*, garantindo assim que todas as variáveis e riscos permanecessem a favor dos alemães.³⁷

Liderança das melhores unidades

Era também importante que o comando da operação, sempre que possível, dispusesse de seus melhores comandantes e tropas para o esforço. No entanto, os alemães perceberam que nem sempre as melhores tropas estavam disponíveis ou, mesmo se estivessem, outras considerações poderiam privá-los de seu emprego. As melhores unidades poderiam estar posicionadas longe demais da área selecionada para chegar a tempo de participar do ataque ou poderiam estar decisivamente engajadas em combate em outras frentes. Em alguns casos, poderia abalar o moral da tropa se um comandante da operação desse clara preferência a uma das unidades sob seu comando.³⁸ Na prática, o *schwerpunkt* precisava ser flexível.

Prioridade de apoio de fogo e de meios de comunicações

Para garantir o sucesso inicial e facilitar o avanço das tropas, uma vez que o esforço estava

³⁵ "Schwerpunkt," HDv 100/900 VS-NfD, p. 649.

³⁶ KESSELRING, Albert. *Kurzvorschrift fuer Fuehrung und Kampf in den Niederen Einheiten*, 1 de outubro de 1950, MS # P-060b, ZA/1, Studien der Historical Division Headquarters, United States Army Europe, Foreign Military Studies Branch, BA-MA, p. 21.

³⁷ HANISCH, N. *Untersuchen Sie die operativen Ideen Manstein hinsichtlich Schwerpunktbildung, Ueberraschung, Initiative und Handlungsfreiheit an den Beispielen Westfeldzug 1940 (Sichelschnitt-Plan) und Operation Zitadelle*. Hamburg: Fuehrungsakademie der Bundeswehr, 1988. p. 2.

³⁸ "Mittel und Wege der Schwerpunktbildung". *Militaer-Wochenblatt*, n. 6, ago. 1931. p. 207; KESSELRING, Albert. *Kurzvorschrift fuer Fuehrung und Kampf in den Niederen Einheiten*, 1 de outubro de 1950, MS # P-060b, ZA/1, Studien der Historical Division Headquarters, United States Army Europe, Foreign Military Studies Branch, BA-MA, p. 209.

em andamento, os alemães tomavam todos os cuidados em prover fogo de artilharia, maciço apoio aéreo e prioridade de comunicações, via rádio, necessárias ao seu êxito. Em virtude da já esperada alta taxa de consumo, os comandantes precisavam providenciar a coordenação necessária para garantir estoques extras de munição. Alguns teóricos alemães, no entanto, acreditavam que era um erro concentrar muita artilharia no setor do esforço, uma vez que o inimigo poderia concluir sobre o dispositivo de ataque e, desse modo, ser capaz de antecipadamente preparar suas defesas de modo coordenado.³⁹

Terreno favorável

Um dos mais importantes fatores para uma concentração bem-sucedida para o esforço era o terreno. Como indicado anteriormente, caso os planejadores tivessem realizado seu trabalho corretamente e se a situação assim o permitisse, o terreno selecionado ofereceria um número de vias de acesso ou linhas de comunicação que levavam às Zonas de Reunião (Z Reu). Uma área com muitas rodovias e estradas de ferro transversais e longitudinais era especialmente desejável, pois permitia maior flexibilidade na movimentação das forças rumo às Z Reu.

Um número maior de vias de acesso podia também significar maior rapidez na concentração e exploração de uma penetração. Na prática, é claro, tais condições em um “ponto-chave” não estavam sempre disponíveis. Na campanha de maio de 1940, o Grupo Panzer Von Kleist, a principal força alemã destacada para romper as defesas belgas e francesas nas

Ardenas, precisava mover-se da fronteira alemã para o Rio Meuse, a uma distância de cerca de 105 milhas (169km). As colunas Kleist foram forçadas a se deslocar através de estreitas e sinuosas estradas por 31 milhas (50km) em Luxemburgo, 62 milhas (100km) na Bélgica e de 6,2 a 12,4 milhas (10 a 20km) em território francês, até alcançarem o Rio Meuse. Os alemães planejavam chegar ao Meuse em três dias, para cruzá-lo no dia seguinte. A extensão teórica das colunas Kleist — compostas de 41.140 veículos, incluindo 1.222 carros-de-combate e 545 veículos de meia-lagarta — era de 960 milhas (1.545km). No entanto, o Grupo de Exército alocou às forças Kleist apenas quatro estradas, totalizando uma extensão de cerca de 250 milhas (402km), negando-lhe um pedido para que se usasse ao menos mais uma estrada.⁴⁰ A respeito da baixa condição de trafegabilidade, o Grupo Panzer Von Kleist alcançou seus objetivos.

O emprego de reservas

O principal recurso para influenciar no curso de um combate em um *schwerpunkt* era o emprego de reservas. Em um ataque, a reserva podia ser utilizada para alterar o esforço ou para proteger os flancos e retaguarda.⁴¹ Em uma campanha ou operação de grande escala, uma reserva operacional podia ser utilizada para fortalecer o ataque ou a defesa de um setor de esforço principal durante o momento mais decisivo, para desencorajar ou rechaçar contra-ataques inimigos, ou para cobrir outras possíveis contingências.⁴² Normalmente, as reservas eram

³⁹ Ibid.

⁴⁰ FRIESER, Karl-Heinz. *Blitzkrieg-Legende. 194 Der Westfeldzug 1940*. Munich: R. Oldenbourg Verlag, 1995. p. 128.

⁴¹ HILLER, p.17.

⁴² BERNHARDI, Friedrich von. *On War of To-Day*. Vol. II: *Combat and Conduct of War*, trans. Karl von Donat, 2 volumes. (Nova Iorque: Dodd, Mead & Company, 1914), p. 288.

posicionadas na retaguarda do setor selecionado como foco de esforço.⁴³

Surpresa

O princípio teórico da concentração no esforço era intimamente relacionado ao princípio da surpresa. Os alemães invariavelmente tentavam surpreender o inimigo por meio da manutenção de estrito sigilo em relação a seus planos e movimento de suas forças, particularmente no foco de esforços. Na invasão da França, em 1940, e da URSS, em junho de 1941, e na contra-ofensiva de Manstein no sul da Rússia, em março de 1943, forças panzer e motorizadas foram inicialmente mantidas afastadas, na retaguarda da área do objetivo. O relativo sigilo de sua presença, somado à crença inimiga de que tais forças não pudessem se mover rapidamente para a área de ataque, contribuíram consideravelmente para o sucesso daquelas operações.⁴⁴

Os alemães invariavelmente planejavam diversas medidas operacionais de simulação e dissimulação antes do início de uma campanha ou operação de grande escala. Em 1940, eles prepararam e executaram elaborados planos para confundir os aliados acerca da localização de seu esforço. Nos três primeiros dias da invasão, usaram a maior parte dos bombardeiros da Luftwaffe, bem como os temidos bombardeiros Stuka na área do Grupo de Exército B, conduzindo longos ataques contra alvos no Norte da Bélgica, Holanda e no interior da França. Os poucos meios da Luftwaffe, nas Ardenas, fo-

ram em sua maioria empregados contra a aviação aliada de reconhecimento.

Os alemães também se utilizaram de forma muito efetiva da propaganda para confundir seus objetivos operacionais. Os sucessos do Grupo de Exército B foram amplamente divulgados, enquanto as atividades das forças alemãs ao redor de Sedan quase não eram mencionadas pela imprensa alemã. Ironicamente, isso, na realidade, causou um efeito adverso no moral das tropas da área de Sedan, uma vez que seus feitos não eram publicamente reconhecidos.⁴⁵

As forças aerotransportadas alemãs também desempenharam um importante papel em dissimular os aliados, em maio de 1940. Taticamente, seus ataques no Norte da Bélgica e na Holanda apoiavam as manobras do Grupo de Exército B, porém, estrategicamente, aquelas ações eram orientadas para que os aliados acreditassem que o esforço alemão estava no norte e não no centro. De fato, as ações espetaculares dos pára-quedistas alemães contra a fortaleza de Eben Emael causaram um efeito hipnótico no topo da cadeia de comando militar dos aliados, que passou a se concentrar exclusivamente naquilo que estava ocorrendo no nordeste. Essa fixação, somada ao emprego da Luftwaffe com fins ilusórios no norte, levou os aliados a adotarem a fatal decisão de mover suas melhores tropas rumo à Bélgica, mesmo quando as forças panzer e motorizadas alemãs emergiram pelas Ardenas rumo ao Rio Meuse. Quando os comandantes aliados per-

⁴³ LEGGEMANN, Christian. *Die taktisch/operativen Ideen Mansteins hinsichtlich Weight of effort/bildung, Ueberraschung, Initiative und Handlungsfreiheit*. Hamburg: Fuehrungsakademie der Bundeswehr, 1989. p. 3.

⁴⁴ WILLEMER, Wilhelm. *Camouflage, ZA/1 2096 P-130*, Studien der Historical Division Headquarters, United States Army Europe, Foreign Military Studies Branch, BA-MA, p. 196.

⁴⁵ FRIESER, Karl-Heinz. *Blitzkrieg-Legende. 194 Der Westfeldzug 1940*. Munich: R. Oldenbourg Verlag, 1995. p. 103-04.

ceberam qual era o verdadeiro esforço alemão, era tarde demais.⁴⁶

Os alemães também tomaram medidas para convencer os aliados de que a invasão pendente reprisaria o plano de Schlieffen de 1914. Nos meses que precederam o ataque real, o almirante Wilhelm Canaris, comandante da *Abwehr* — uma organização de inteligência alemã — enviou muitos de seus agentes de inteligência a países neutros, bem como a várias outras partes do Mundo, em visitas a adidos e empresas amigas, com o objetivo de espalhar rumores de que o antigo plano de Schlieffen estava para ser utilizado novamente em 1940. Essas manobras de contra-inteligência foram muito bem-sucedidas.⁴⁷

Mudança no esforço

Teóricos alemães compreenderam que alterações em uma situação iria requerer variações ou mudanças no esforço, *schwerpunktverlegung* ou *schwerpunktverlagerung*.⁴⁸ Eles estipularam, no entanto, que o enfraquecimento do esforço em favor de alguma outra porção enfraquecida da frente de batalha seria feito apenas em casos extremos. O ponto-chave, acima de tudo, era a manutenção da iniciativa e da impulsão de ataque do *schwerpunkt*. Ao planejar sua ofensiva ocidental, os alemães estabeleceram quatro diretrizes para o posicionamento operacional de suas tropas. Como já vimos, a primeira variante do plano, divulgada em 19 de outubro de 1939, designava o esforço para o

Grupo de Exércitos B, ao norte. Em uma nova diretriz datada de 29 de outubro, isso foi alterado para duas direções de esforço: Grupos de Exército A e B. A terceira versão, divulgada em 30 de janeiro de 1940, possuía três direções de esforço: duas em setores do Grupo de Exércitos B e um em um setor do Grupo de Exércitos A. Três semanas depois, os alemães fizeram sua alteração final, mudando o esforço para o Grupo de Exércitos A, no centro. Dentro dessa última alteração, os alemães também mudaram o tamanho da força e a composição de seus três grupos de exércitos. A alocação, no terceiro plano, de 37 divisões para o Grupo de Exércitos B e de 26 para o Grupo A, mudou para 29 no Grupo B e 45 para o Grupo A. Ainda mais importante: os alemães alocaram 7 de suas 10 divisões panzer para o Grupo de Exércitos A. Resultado: em 10 de maio, a proporção das forças no norte, no setor do Grupo de Exércitos B, era de 60 para 29 divisões em favor dos aliados, enquanto na porção centro-sul da frente de batalha, no setor que ia de Namur a Longwy, na fronteira com Luxemburgo, onde estava concentrado o Grupo de Exércitos A, a proporção era de 45 divisões alemãs para 18 aliadas.⁴⁹ Um desenrolar inesperadamente favorável da situação durante o combate poderia — ou mesmo deveria — incentivar uma alteração do esforço. O mais eficiente meio para mudar o esforço era por intermédio da mudança da prioridade de fogos da artilharia e de outras armas pesadas, além do posicionamento da reserva de cada

⁴⁶ FRIESER, Karl-Heinz. *Blitzkrieg-Legende. 194 Der Westfeldzug 1940*. Munich: R. Oldenbourg Verlag, 1995. p. 104–05.

⁴⁷ Ibid.

⁴⁸ Ibid.

⁴⁹ “Schwerpunkt,” HDv 100/900 VS-NfD, p. Sch-SEA; outros termos correlacionados incluem “área do peso de esforço” (*Schwerpunktraum*), “peso de esforço em ataque” (*Schwerpunkt des Angriffs*), etc.; Huerth, *US-NfD. Militarisches Studienglossary Englisch*, vol. 2/3. Bonn: Bundessprachenamt, p. 1060; “Schwerpunkt,” em FRANKE, p. 649.

posicionadas na retaguarda do setor selecionado como foco de esforço.⁴³

Surpresa

O princípio teórico da concentração no esforço era intimamente relacionado ao princípio da surpresa. Os alemães invariavelmente tentavam surpreender o inimigo por meio da manutenção de estrito sigilo em relação a seus planos e movimento de suas forças, particularmente no foco de esforços. Na invasão da França, em 1940, e da URSS, em junho de 1941, e na contra-ofensiva de Manstein no sul da Rússia, em março de 1943, forças panzer e motorizadas foram inicialmente mantidas afastadas, na retaguarda da área do objetivo. O relativo sigilo de sua presença, somado à crença inimiga de que tais forças não pudessem se mover rapidamente para a área de ataque, contribuíram consideravelmente para o sucesso daquelas operações.⁴⁴

Os alemães invariavelmente planejavam diversas medidas operacionais de simulação e dissimulação antes do início de uma campanha ou operação de grande escala. Em 1940, eles prepararam e executaram elaborados planos para confundir os aliados acerca da localização de seu esforço. Nos três primeiros dias da invasão, usaram a maior parte dos bombardeiros da Luftwaffe, bem como os temidos bombardeiros Stuka na área do Grupo de Exército B, conduzindo longos ataques contra alvos no Norte da Bélgica, Holanda e no interior da França. Os poucos meios da Luftwaffe, nas Ardenas, fo-

ram em sua maioria empregados contra a aviação aliada de reconhecimento.

Os alemães também se utilizaram de forma muito efetiva da propaganda para confundir seus objetivos operacionais. Os sucessos do Grupo de Exército B foram amplamente divulgados, enquanto as atividades das forças alemãs ao redor de Sedan quase não eram mencionadas pela imprensa alemã. Ironicamente, isso, na realidade, causou um efeito adverso no moral das tropas da área de Sedan, uma vez que seus feitos não eram publicamente reconhecidos.⁴⁵

As forças aerotransportadas alemãs também desempenharam um importante papel em dissimular os aliados, em maio de 1940. Taticamente, seus ataques no Norte da Bélgica e na Holanda apoiavam as manobras do Grupo de Exército B, porém, estrategicamente, aquelas ações eram orientadas para que os aliados acreditassem que o esforço alemão estava no norte e não no centro. De fato, as ações espetaculares dos pára-quedistas alemães contra a fortaleza de Eben Emael causaram um efeito hipnótico no topo da cadeia de comando militar dos aliados, que passou a se concentrar exclusivamente naquilo que estava ocorrendo no nordeste. Essa fixação, somada ao emprego da Luftwaffe com fins ilusórios no norte, levou os aliados a adotarem a fatal decisão de mover suas melhores tropas rumo à Bélgica, mesmo quando as forças panzer e motorizadas alemãs emergiram pelas Ardenas rumo ao Rio Meuse. Quando os comandantes aliados per-

⁴³ LEGGEMANN, Christian. *Die taktisch/operativen Ideen Mansteins hinsichtlich Weight of effortbildung, Ueberraschung, Initiative und Handlungsfreiheit*. Hamburg: Fuehrungsakademie der Bundeswehr, 1989. p. 3.

⁴⁴ WILLEMER, Wilhelm. *Camouflage*. ZA/1 2096 P-130, Studien der Historical Division Headquarters, United States Army Europe, Foreign Military Studies Branch, BA-MA, p. 196.

⁴⁵ FRIESER, Karl-Heinz. *Blitzkrieg-Legende. 194 Der Westfeldzug 1940*. Munich: R. Oldenbourg Verlag, 1995. p. 103-04.

ceberam qual era o verdadeiro esforço alemão, era tarde demais.⁴⁶

Os alemães também tomaram medidas para convencer os aliados de que a invasão pendente reprisaria o plano de Schlieffen de 1914. Nos meses que precederam o ataque real, o almirante Wilhelm Canaris, comandante da *Abwehr* — uma organização de inteligência alemã — enviou muitos de seus agentes de inteligência a países neutros, bem como a várias outras partes do Mundo, em visitas a adidos e empresas amigas, com o objetivo de espalhar rumores de que o antigo plano de Schlieffen estava para ser utilizado novamente em 1940. Essas manobras de contra-inteligência foram muito bem-sucedidas.⁴⁷

Mudança no esforço

Teóricos alemães compreenderam que alterações em uma situação iria requerer variações ou mudanças no esforço, *schwerpunktverlegung* ou *schwerpunktverlagerung*.⁴⁸ Eles estipularam, no entanto, que o enfraquecimento do esforço em favor de alguma outra porção enfraquecida da frente de batalha seria feito apenas em casos extremos. O ponto-chave, acima de tudo, era a manutenção da iniciativa e da impulsão de ataque do *schwerpunkt*. Ao planejar sua ofensiva ocidental, os alemães estabeleceram quatro diretrizes para o posicionamento operacional de suas tropas. Como já vimos, a primeira variante do plano, divulgada em 19 de outubro de 1939, designava o esforço para o

Grupo de Exércitos B, ao norte. Em uma nova diretriz datada de 29 de outubro, isso foi alterado para duas direções de esforço: Grupos de Exército A e B. A terceira versão, divulgada em 30 de janeiro de 1940, possuía três direções de esforço: duas em setores do Grupo de Exércitos B e um em um setor do Grupo de Exércitos A. Três semanas depois, os alemães fizeram sua alteração final, mudando o esforço para o Grupo de Exércitos A, no centro. Dentro dessa última alteração, os alemães também mudaram o tamanho da força e a composição de seus três grupos de exércitos. A alocação, no terceiro plano, de 37 divisões para o Grupo de Exércitos B e de 26 para o Grupo A, mudou para 29 no Grupo B e 45 para o Grupo A. Ainda mais importante: os alemães alocaram 7 de suas 10 divisões panzer para o Grupo de Exércitos A. Resultado: em 10 de maio, a proporção das forças no norte, no setor do Grupo de Exércitos B, era de 60 para 29 divisões em favor dos aliados, enquanto na porção centro-sul da frente de batalha, no setor que ia de Namur a Longwy, na fronteira com Luxemburgo, onde estava concentrado o Grupo de Exércitos A, a proporção era de 45 divisões alemãs para 18 aliadas.⁴⁹ Um desenrolar inesperadamente favorável da situação durante o combate poderia — ou mesmo deveria — incentivar uma alteração do esforço. O mais eficiente meio para mudar o esforço era por intermédio da mudança da prioridade de fogos da artilharia e de outras armas pesadas, além do posicionamento da reserva de cada

⁴⁶ FRIESER, Karl-Heinz. *Blitzkrieg-Legende. 194 Der Westfeldzug 1940*. Munich: R. Oldenbourg Verlag, 1995. p. 104–05.

⁴⁷ Ibid.

⁴⁸ Ibid.

⁴⁹ “Schwerpunkt,” HDv 100/900 VS-NfD, p. Sch-SEA; outros termos correlacionados incluem “área do peso de esforço” (*Schwerpunktraum*), “peso de esforço em ataque” (*Schwerpunkt des Angriffs*), etc.; Huerth, *US-NfD. Militarisches Studienglossary Englisch*, vol. 2/3. Bonn: Bundessprachenamt, p. 1060; “Schwerpunkt,” em FRANKE, p. 649.

escalão considerado.⁵⁰ Era parte integrante da arte de comandar, o rápido reconhecimento e a exploração dos pontos fracos do inimigo, para que então se pudesse alterar o esforço para locais onde as concentrações dos fogos de artilharia pudessem exercer um efeito mais imediato, ao mesmo tempo em que também redirecionavam-se as reservas.⁵¹

Os alemães exibiram tal arte em 1940, quando alteraram o esforço de sua Luftwaffe, da parte norte da Bélgica para o setor de Sedan. O total de 1.500 aeronaves, incluindo 600 bombardeiros e 250 Stukas, foi alocado para apoiar o ataque principal do Grupo de Exércitos A, o Grupo Panzer Von Kleist. Em apoio ao XIX Corpo Panzer Von Kleist, 310 bombardeiros, 200 Stukas e 300 aeronaves de combate do II Corpo Aéreo conduziram ataques em “barragem rolante” antes e durante a travessia do Rio Meuse. Seu esforço foi sobre setores de 2,5 milhas (4km) ao norte e ao sul de Sedan. Em uma demonstração de poderio aéreo até então sem precedentes, cerca de 750 bombardeiros e Stukas atacaram as posições francesas em Sedan, durante os 90 minutos que precederam a travessia do Rio Meuse, em 13 de maio.⁵²

Conclusão

Apesar de manter alguma semelhança com aquilo que o Exército dos EUA genericamente denomina de setor de esforço principal e ponto de ataque principal (defesa), o conceito alemão de schwerpunkt ou direção do esforço é, na realidade, muito mais sofisticado. Ele difere significativamente do conceito de centro de

gravidade (CG). Ambos, a direção de esforço e o centro de gravidade, possuem vantagens e desvantagens, porém, talvez a maior vantagem do schwerpunkt é que este não requer o absoluto conhecimento da situação inimiga para ser bem-sucedido. Em contraste com o conceito de centro de gravidade, o schwerpunkt visa principalmente o emprego de sua força de combate nos níveis tático e operacional da guerra. No nível estratégico, a direção de esforço é aplicada apenas em relação à distribuição geral das forças entre vários teatros de operações.

Existem alguns aspectos negativos na utilização do schwerpunkt. O conceito é inadequado para a análise e aplicação de fontes não militares de Poder Nacional para a conquista de objetivos estratégicos no teatro de operações. Também, assim como os exemplos históricos mencionados podem sugerir, a direção de esforço é um conceito provavelmente mais adequado ao ataque do que à defesa. Ainda assim, o schwerpunkt permanece como uma ferramenta muito útil no planejamento de uma campanha. Ele oferece não apenas uma alternativa útil ao “centro de gravidade”, no planejamento e execução de campanhas ou operações de grande escala, como também ele pode ser aplicado com sucesso em quaisquer formas de combate — em terra, mar ou ar. No final, cada método — schwerpunkt ou centro de gravidade — possui suas vantagens e desvantagens. É por essa razão que uma pessoa deveria dominar os fundamentos teóricos de ambos os conceitos, sendo assim, capaz de aplicá-los de acordo com suas preferências e experiência pessoal. ☺

⁵⁰ FRIESER, Karl-Heinz. *Blitzkrieg-Legende. 194 Der Westfeldzug 1940*. Munich: R. Oldenbourg Verlag, 1995. p 72–73.

⁵¹ KESSELRING, Albert. *Kurzvorschrift fuer Fuehrung und Kampf in den Niederen Einheiten*, 1 de outubro de 1950, MS # P-060b, ZA/1, Studien der Historical Division Headquarters, United States Army Europe, Foreign Military Studies Branch, BA-MA, p. 21.

⁵² “Mittel und Wege der Schwerpunktbildung,” p.210.